



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

RAWANA FELIX CARDOSO

**FIGURAÇÃO DA CRISE SOCIAL NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO
BRASILEIRO: A OCUPAÇÃO, DE JULIÁN FUKS**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2024**

RAWANA FELIX CARDOSO

**FIGURAÇÃO DA CRISE SOCIAL NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO
BRASILEIRO: A OCUPAÇÃO, DE JULIÁN FUKS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em licenciatura plena em Letras Português.

Área de concentração: Teoria e crítica literária

Orientador: Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2024**

RAWANA FELIX CARDOSO

FIGURAÇÃO DA CRISE SOCIAL NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO
BRASILEIRO: A OCUPAÇÃO, DE JULIÁN FUKS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras e
Humanidades da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduada em
licenciatura plena em Letras Português.

Área de concentração: Teoria e crítica
literária

Aprovada em: 21/06/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof(a). Me. Bianca Sonale Fonseca da Silva

Maria Karoliny Lima de Oliveira

Prof(a). Me. Maria Karoliny Lima de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C268f Cardoso, Rawana Felix.
Figuração da crise social no romance contemporâneo: a ocupação, de Julian Fuks. [manuscrito] / Rawana Felix Cardoso. - 2024.
40 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2024.
"Orientação : Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo, Coordenação do Curso de Ciências Agrárias - CCHA."
1. Figuração social. 2. Crise social brasileira. 3. Romance contemporâneo. I. Título

21. ed. CDD 801.95

Elaborada por Kelly C. de Sousa - CRB - 15/788

BSC4/UEPB

AGRADECIMENTOS

Sempre acreditamos que os agradecimentos é a parte mais fácil de toda construção desse artigo. Para mim não é nada fácil sintetizar longos cinco anos de trajetória nessas breves linhas. Costumo dizer que a universidade me deu tudo, um novo recomeço com outra perspectiva, amigos, a oportunidade de orgulhar a minha família, e além de tudo, um propósito de vida. Então, acho que primeiramente quero agradecer ao curso de Letras por ter me dado tanto.

Gostaria de agradecer aos meus familiares, que sempre me apoiaram nesse sonho que se tornou nosso. Entre as noites cansativas que passei e os dias ansiosos em sala de aula, era de vocês que eu sempre lembrava. Foi minha fonte de força por todo percurso árduo, principalmente por ter que estar longe dos meus. Mas, conseguimos, estamos prestes a realizar o sonho, nós vencemos.

Aos meus amigos, meu nobre agradecimento também, vocês foram importantes nesse processo, e julgo que não conseguiria se não fosse por vocês estarem aqui comigo. Sou grata por ter-los.

À minha madrinha de formação, Francisca Marques, obrigada por incentivar a minha entrada nesse curso. Sou muito grata por todos os conselhos e ensinamentos que você me deu. És um exemplo de força e sabedoria.

Agradeço também a todos os professores do DLH, vocês que me fizeram adquirir conhecimento acadêmico, e para a vida. Nesse departamento pude vivenciar as nuances da educação, me deleitando sobre as áreas com delicadeza e me entregando desesperadamente a literatura. Foram nessas salas que pude planejar minha figura de docente, pois sempre os tive como grandes exemplos. A vocês, meu muito obrigada, e em especial, ao meu orientador, José Helber Tavares. Agradeço por sua dedicação a esse trabalho e a mim, por sua amizade nos momentos necessários e por sua maestria com a literatura.

Por fim, gostaria de agradecer a mim mesma, por não ter desistido mesmo que os maiores obstáculos se apresentassem. “Você foi forte o suficiente para estar sozinha com o mundo e sobreviver mesmo assim.” Irei me lembrar disso quando as coisas difíceis vierem, e saberei que, irei conseguir.

RESUMO

Esta é uma pesquisa tem como principal objetivo acompanhar os movimentos de que tipo de diálogo o romance contemporâneo estabelece com as pautas e sentido histórico frente as transformações políticas que se iniciam em 2013 no Brasil. Em particular, buscamos investigar como o romance *A ocupação* (2019), de Julián Fuks, aborda a crise econômica, a transição para o neoliberalismo, e as novas dinâmicas político-estéticas que surgiram no país, desde a ascensão da direita obscurantista e violenta às novas sublevações populares de reivindicação de direitos. Ao que podemos conferir, do ponto de vista do romance que analisamos, há uma inclinação para a discussão em torno da temática da crise social brasileira a partir da posição dos personagens dentro da estratificação social, e como esses representam determinadas figurações, conceito trazido da sociologia do Alemão Norbert Elias. Aplicado a teoria literária, esse conceito nos permitiu integrar uma rede de figurações contemporâneas aos personagens de Fuks. O livro trata-se de uma trama multifacetada que aborda temas de vínculos familiares, uma batalha pela posse de moradia e uma troca de cartas com o escritor Mia Couto. O livro investiga a vida dos imigrantes que povoam o Hotel Cambridge, revelando as suas lutas e as injustiças que lhes foram impostas através das suas experiências coletivas como ocupantes. A correspondência com Couto é reflexiva e complementar à narrativa principal, abordando discussões relacionadas ao papel da literatura em períodos de crise e perscrutando as perspectivas disponíveis para os escritores; os leitores devem considerar-se devidamente desafiados por esta obra que os convida a participar ativamente. Ao desvendar a sua rica tapeçaria, podem descobrir informações valiosas não só sobre a humanidade, mas também sobre a escrita como uma arte capaz de efetuar a transformação nos indivíduos que com ela entram em contacto. A pesquisa se baseia em uma abordagem bibliográfica, utilizando autores como BUSATO (2021), GONSALVES (2001), ARAGÃO, SORAGGI E CORRÊA (2021), e MEDEIROS (2023).

Palavras-Chave: figuração social; crise social brasileira; literatura contemporânea.

RESUMEN

El objetivo principal de esta investigación es seguir los movimientos de qué tipo de diálogo establece la novela contemporánea con las agendas y el significado histórico de las transformaciones políticas que comenzaron en 2013 en Brasil. En particular, buscamos investigar cómo la novela *La ocupación* (2019), de Julián Fuks aborda la crisis económica, la transición al neoliberalismo y las nuevas dinámicas político-estéticas surgidas en el país, desde el ascenso de la derecha oscurantista y violenta hasta las nuevas revueltas populares reivindicativas. Por lo que se ve, desde el punto de vista de la novela que analizamos, hay una inclinación a discutir el tema de la crisis social brasileña a partir de la posición de los personajes dentro de la estratificación social, y de cómo representan determinadas figuraciones, concepto traído de la sociología del alemán Norbert Elias. Aplicado a la teoría literaria, este concepto nos permitió integrar una red de figuraciones contemporáneas en los personajes de Fuks. El libro es una trama multifacética que toca temas de lazos familiares, una batalla por la vivienda y un intercambio de cartas con la escritora Mia Couto. El libro indaga en la vida de los inmigrantes que pueblan el Hotel Cambridge, revelando sus luchas y las injusticias que se les imponen a través de sus experiencias colectivas como ocupantes. La correspondencia con Couto es reflexiva y complementaria a la narración principal, abordando debates relacionados con el papel de la literatura en periodos de crisis y escrutar las perspectivas de que disponen los escritores, los lectores deberían considerarse debidamente interpelados por esta obra, que les invita a tomar parte activa. Al desentrañar su rico entramado, podrá descubrir información valiosa no sólo sobre la humanidad, sino también sobre la escritura como arte capaz de efectuar transformaciones en los individuos que entran en contacto con ella. La investigación se basa en un enfoque bibliográfico, utilizando autores como BUSATO (2021), GONSALVES (2001), ARAGÃO, SORAGGI E CORRÊA (2021) y MEDEIROS (2023).

Palabras clave: figuración social; crisis social brasileña; literatura contemporánea.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FIGURAÇÃO SOCIAL.....	10
2.1	HABITAÇÃO.....	13
2.2	DESIGUALDADE SOCIAL.....	16
3	ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: A ARTE NARRATIVA DE JULIÁN FUKS.....	20
3.1	A RELAÇÃO FAMILIAR EM A OCUPAÇÃO (2019).....	22
3.2	A OCUPAÇÃO DO HOTEL CAMBRIDGE.....	31
3.3	A CORRESPONDÊNCIA COM MIA COUTO.....	38
4.0	CONCLUSÃO.....	41

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surge a partir de um Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) que teve início em 2020 e foi concluído em 2021. Nele, analisamos dois romances contemporâneos brasileiros, *O verão Tardio* (2019) de Luís Ruffato e *A ocupação* (2019) de Julián Fuks, sendo este último analisado nesse presente artigo. Consideramos que o gênero pressuposto para os romances de Fuks e Ruffato é a autoficção, no qual os autores também são constituídos como personagens, configurando-se como narrador-personagem-autor.

Os narradores dos romances são sujeitos que enfrentam conflitos pessoais com a família, mas também sociais, quando se deparam com personagens marginalizados lidando com a brutal desigualdade da sociedade contemporânea. Esses conflitos deixam os sujeitos com a sensação de que a crise social se tornou uma forma permanente de vida, sintetizado por Guilherme Wisnik (2018) como uma sociedade que vive "dentro do nevoeiro".

A desigualdade social é um problema histórico no Brasil, impactando a vida de milhões e perpetuando injustiças socioeconômicas em diversas dimensões. Nesse contexto, a figuração social é fundamental para compreender as interações entre os diferentes grupos da sociedade brasileira. A partir das considerações de Norbert Elias sobre a configuração social, analisamos as relações de poder, representações e simbolismos presentes nas interações sociais. A literatura brasileira, em obras como a de Fuks (2019), reflete essas realidades e experiências.

Com ênfase nos temas da habitação e desigualdade social. Através de uma abordagem multidisciplinar, pretendemos compreender como essas questões são representadas nas obras contemporâneas e como políticas públicas e movimentos sociais têm atuado para mitigar esses problemas. Nesses aspectos, utilizaremos as considerações de Erminínia Maricato (2015), Marcelo Medeiros (2023) e Motta & Bussato (2024).

Por meio da análise crítica de *A Ocupação* (2019) de Julián Fuks, exploramos as figuras e narrativas que refletem as realidades das comunidades brasileiras, evidenciando as problemáticas citadas anteriormente. A análise das figurações sociais na literatura contemporânea amplia nosso entendimento sobre as questões emergentes do cotidiano, incentivando a percepção da necessidade de medidas que busquem reverter as disparidades. Ao abordar a complexidade da desigualdade social no Brasil, este estudo visa contribuir para considerações importantes sobre políticas públicas que promovam a construção de um país mais justo.

2 FIGURAÇÃO SOCIAL

Para conceituar o termo “figuração social”, é necessário recorrer as considerações do sociólogo alemão, Norbert Elias. O termo tem sido utilizado para que se possa compreender a dinâmica das mudanças nas relações sociais e de que forma essas interações influenciam no reconhecimento que os indivíduos têm com as representações e simbolismos dessas relações. Principalmente as relações entre os civis e as suas devidas classes sociais, que se apresentam em confronto com outras classes.

(...) o jogo, em Elias, não remete para o conjunto de regras e não é definido por elas; o jogo é uma combinação provisória e dinâmica das relações sociais. O movimento da vida social é um jogo para Elias, o jogo *"se apresenta como uma lei geral do funcionamento social e se impõe, pois, como um imperativo do qual ninguém poderia fugir"*⁷ configuração seria, portanto, uma *abrangência relacional*, o modo de existência do ser social e a possibilidade conceitual de aproximação às emergências do cotidiano. (GONSALVES, 2001, p. 2)

Como exemplo básico de compreensão, Elias vai usar um jogo para facilitar o entendimento do termo con(fi)guração. Nesse jogo, há o embate que dita uma dinâmica de interdependência, onde se observa a existência da relação entre os jogadores. A admissão da existência de “figurações sociais”, implica na existência das relações interdependentes, passíveis a análises amplas e complexas, para além do conflito existente.

Ao utilizar a palavra configuração, remete-se à ideia de que a existência do indivíduo é interligada e em constante movimento, ou seja, eles coexistem em relação uns aos outros e essas relações estão sempre evoluindo. Ao considerarmos os jogadores como um exemplo, podemos distingui-los com base em alguns aspectos como: situação financeira, origem familiar e estilo de vida. Na sociedade brasileira, essas distinções podem nos fornecer uma análise mais aprofundada sobre as possíveis "figurações contemporâneas" presentes. A obra conceitual de Norbert Elias sobre a configuração social pode ser aplicada para compreender como esses aspectos impactam as relações e interações entre os indivíduos na sociedade brasileira, e como tais configurações estão em constante transformação.

O Brasil, é um país que se desenvolve economicamente sem se preocupar com os índices significativos de desigualdade, pois enquanto um número irrisório de pessoas acumula riquezas, outros sobrevivem com menos do que deviam. Os índices apontam que um grande parte da população divide a mesma realidade socioeconômica. Em um país de desigualdade

econômica tão significativa, os mais ricos ditam a divergência do que se pode considerar classe média, e ela não se aproxima do topo da pirâmide e sim da base.

E apesar da população brasileira que vive confortavelmente se considerar classe média, existe a base que compreende a sua função no jogo e se identifica com os demais de sua comunidade. Quando muitas pessoas se identificam facilmente com as representações da sua realidade quase constante, surge a partir disso as “sensibilidades”. Que podem atuar como pontes que configuram a literatura contemporânea como ferramenta política.

Dessa forma, muitos escritores e artistas brasileiros têm abordado em suas obras a questão da desigualdade social e econômica, utilizando a literatura como forma de dar voz àqueles que são marginalizados e excluídos da sociedade. Através de narrativas que retratam a realidade de muitos brasileiros, esses artistas conseguem criar uma conexão com o público, mostrando que é preciso lutar por uma sociedade mais justa e igualitária. A representatividade na literatura contemporânea se torna, então, uma ferramenta importante para ampliar o debate sobre as disparidades existentes no país e buscar soluções para uma realidade mais equitativa.

A aplicação do conceito de figuração social na literatura, pode oferecer observações contundentes sobre as representações e narrativas que refletem as realidades e experiências dos diversos grupos presentes na sociedade. Assim, a identificação da representatividade nas obras literárias torna-se também essencial para a promoção da diversidade e da inclusão, contribuindo assim para uma reflexão mais ampla sobre as questões sociais e culturais do país.

Motta e Busato, organizaram um estudo de grande importância para a área de pesquisa que se desenvolve a partir das considerações supracitadas. Pesquisadores “abordam aspectos da simbolização espacial em obras literárias que implicam um olhar contemporâneo para essas figurações” (BUSATO, 2010) e sob perspectivas teóricas e metodológicas, ao lado de várias análises de textos literários, investigam como a espacialidade é concebida nas narrativas contemporâneas. E ainda, como um espaço de linguagem pode ser criado a partir da textualidade e visualidade da escrita.

O contexto cultural e histórico envolve referências e dados situados em determinados momentos que articulam um espaço de relações com o texto literário. O espaço de institucionalização, com as representações de poder, o espaço social, o espaço como paisagem, nas configurações natural, regional, física e psicológica, e o espaço do mito, com suas imagens e sentidos simbólicos, são outras formas de mobilização do conceito. (Busato, 2010, p. 7)

As análises da pesquisa pretendem apresentar como a espacialidade é um elemento narrativo e símbolo na arena literária contemporânea. Isto leva a exploração de uma miríade de questões ligadas à esse espaço, incluindo a sua relação com a identidade e a formação de paisagens ficcionais, entre outras. Além disso, o estudo é também uma investigação sobre a metamorfose do espaço na atualidade; pondera novas formas alternativas que poderiam surgir na representação dessas transições em contextos literários.

Talvez seja o gesto de recusa na poesia de hoje uma expressão roterizada de uma saída, por isso a força de uma metalinguagem devoradora do caos presente, analítica, raciocinante, centrada nas sensações de um sujeito que se percebe imerso “submergido/entre destroços do “presente” ou submetido à repetição simuladora do caos, como se presa estivesse a um “labirinto difícil”, cuja saída parece submergi a inércia do movimento. (Busato, 2010, p. 15)

A narração de Fuks faz um movimento padrão entre as problemáticas da vida do personagem-narrador Sebastián. Há uma tripartição de conflitos — a doença terminal do pai, que já aparecerá em outras obras do autor, e agora é retratado de uma forma frágil e sem vida ao longo da narração; a gravidez complicada da esposa, que perde o bebê em um aborto espontâneo; a ocupação de um prédio na cidade de São Paulo, onde o narrador conhece a vida de diversos imigrantes. — A concomitância de “problemas” a serem solucionados dificulta a visão de esperança para algum deles. Como se tudo fosse revestido em adversidades.

As repetições padronizadas simulam problemáticas infundáveis, tanto para o personagem-narrador, quanto para os personagens que fazem parte do enredo. Assim como na metalinguagem presente na poesia contemporânea, que busca despertar sensações. Acreditamos que desafios se repetindo na vida de Sebastián, representa o sentimento nacional de grande parte da população brasileira, principalmente durante todas as décadas de sucessivas crises econômicas, que contribuem para a grande desigualdade social no Brasil.

A noção de configuração serve apenas para ampliar esta perspectiva: sugerir que as relações sociais são aspectos inerentes ao próprio ser social, e compreender as questões emergentes do dia-a-dia envolve olhar para essas relações. Portanto, para Elias, o jogo e a configuração social constituem pilares que nos permitem compreender a dinâmica da vida em sociedade — dois elementos fundamentais que sustentam todos os níveis de interações humanas dentro de um grupo ou comunidade organizada.

Com base no que foi discutido sobre as investigações de como as questões sociais são ilustradas e abordadas na ficção através do uso de figurações sociais na literatura contemporânea brasileira. Iremos analisar a obra *A Ocupação* (2019), de Júlian Fuks, lançada em 2019, que surge com a exploração de três “figurações” da crise social do país que se desenrola nesse período.

Esses aspectos giram em torno de temas relevantes como: o problema acerca do crescimento urbano de habitação precária; e a desigualdade exacerbada. Conseqüentemente, a ideia que precisa ser examinada é a compreensão dessas figurações relacionadas a cada aspecto exposto neste trabalho e identificado na obra.

2.1 HABITAÇÃO

Iremos iniciar a discussão com o problema do crescimento urbano. No cerne do debate, o abrigo é um direito humano básico e inegociável porque desempenha um papel fundamental na facilitação de outros direitos, como a educação e os cuidados de saúde. No entanto, a escassez de habitação continua a ser um imenso desafio, especialmente no Brasil, onde se acredita que cerca de milhões de pessoas estão desabrigadas.

O fato é que o capitalismo é percebido como um fator de influência para esses dados. Podemos analisar como as empresas imobiliárias se apropriam do sentido de cidade como “valor de troca”, enquanto os habitantes despossuídos e/ou marginalizados, representam um o “valor do uso”, fazendo com que apareça um conflito entre dois princípios, duas forças que se embatem. “Como já apontou inicialmente Marx e desenvolveu Harvey, entre o valor de troca da cidade mercadoria e o valor de uso da cidade condição necessária de vida para a classe trabalhadora, há uma profunda oposição que gera um conflito básico.” (MARICATO, 2015) O que se entende por cidade como mercadoria significa, na verdade, transformar as cidades num produto altamente comercial, que é transacionado e vendido a retalho nos mercados imobiliários. Desta forma, as pessoas não só veem a cidade como um espaço físico onde se pode residir, mas também como um instrumento financeiro que pode gerar retorno para investidores e promotores.

O valor de uso da cidade é um conceito abstrato que leva em consideração todos os elementos que definem a vida urbana, como moradia, trabalho, lazer, convivência e cultura. Em comparação com o valor de troca, que é definido de forma mais objetiva como o custo para obter uma mercadoria, o valor de uso depende das experiências, necessidades e emoções de um indivíduo relativas à forma como este utiliza os espaços urbanos.

As megaobras sempre, na história das cidades, tiveram um papel especial na afirmação do poder religioso ou simplesmente político, mas a associação entre a arquitetura o urbanismo dos grandes eventos, os processos imobiliários agressivos e a gentrificação, parece ter se tornando parte essencial das cidades após a reestruturação capitalista ocorrida no fim do século XX. (Arantes, 2000 e Vainer, 2000, p. 25-26).

Esse conflito resulta em processos de gentrificação, especulação imobiliária, deslocamento de populações vulneráveis e degradação do ambiente urbano. Portanto, é fundamental buscar um equilíbrio entre o valor de troca e o valor de uso da cidade, garantindo que o espaço urbano atenda às necessidades e interesses de toda a sua população de forma sustentável e inclusiva.

A divisão entre valor de uso e valor de troca nas áreas urbanas é um simbolismo das disparidades sociais e econômicas que moldam a dinâmica entre os cidadãos. Enquanto alguns conseguem desfrutar facilmente na zona urbana, outros têm de lutar para ter direito ao seu próprio espaço na paisagem da cidade.

É válido citar também, quando se discute sobre a resistência na afirmação por direitos à moradia, os movimentos sociais organizados. Esses movimentos retratam “(...) um mecanismo de enquadramento interpretativo do problema da moradia, resultando em pressão política sobre os governos para que as demandas sejam atendidas.” (ARAGÃO; SORAGGI; CORRÊA, 2021) e desempenham, dessa forma, um papel central na luta por habitação, pois representam uma questão que não pode ser ignorada pelo Estado: a precarização urbana.

Em *Ocupações Urbanas como repertório confrontacional dos movimentos de luta por moradia (2021)*, de Aragão, Soraggi e Corrêa. Pudemos encontrar um panorama descritivo sobre como os movimentos sociais por moradia se organizaram no Brasil, como os direitos foram sendo conseguidos com as diversas discussões políticas e como funcionam as ações coletivas chamadas de “repertório confrontacional”.

As políticas de Habitação social no Brasil, sofreram diversas modificações ao longo das décadas. A partir de 1963, o país começa a discutir questões urbanas com o Seminário Nacional de Habitação e Reforma. No ano seguinte, sabemos a fatídica história do país sendo tomado pelo autoritarismo da Ditadura Militar, fundada em 1964. Quando é retomada a discussão de forma democrática.

Com a abertura democrática para as discussões de planejamento urbano, os movimentos sociais encontraram a oportunidade de implementar uma forma mais efetiva de luta: se inserindo nos âmbitos institucionais de discussão da pauta. Dessa forma, até a constituição de

1988 ser promulgada, foram observados momentos pontuais nos anos de 1977 e 1980, que influenciam diretamente nos artigos 182 e 183 da constituição. Que tratam da questão do uso sobre imóveis ociosos no Brasil.

A partir dessa abertura, os movimentos sociais por moradia construíram, junto ao Estado, políticas voltadas para a melhor distribuição do espaço urbano para famílias precarizadas socialmente. “De uma forma geral, a questão urbana no âmbito do poder público entre as décadas de 1980 e 2000 foi influenciada pela pressão política exercida pelos movimentos sociais de moradia” (ARAGÃO, SORAGGI E CORRÊA, 2021) Portanto, é fundamental reconhecer o papel ativo e transformador dos movimentos sociais na luta por uma cidade mais justa e igualitária para todos os seus habitantes.

No ano de 2003, têm-se início o governo lulo-petista no Brasil. Quando percebe-se um progresso expressivo na disputa por habitação. Foi nesse período que houve a criação do Ministério da Cidade e do Programa Minha Casa Minha Vida. Progresso que é suspenso pela força política que se levanta em 2016, com o *impeachment* da presidente Dilma e se consolida com a eleição de Jair Bolsonaro, já no ano de 2018. O governo de Bolsonaro, tomou medidas regressistas que representam uma dificuldade e limitação nas ações dos movimentos, e consequentemente no êxito de direitos por moradia digna.

(...) tanto a extinção do ministério quanto a proposta de criminalização dos movimentos sociais configuram-se como um risco direto para a concretização dessa gestão democrática na condição da política nacional de desenvolvimento urbano. (Aragão, Soraggi e Corrêa, 2021, p. 1173)

A extinção desse ministério e a proposta de criminalização dos movimentos sociais representam um sério risco para a política nacional de desenvolvimento urbano, que deve ser pautada pela participação popular e pela garantia de direitos sociais. Com a tentativa de criminalização dos movimentos sociais, o presidente permite que a população como um todo critique esses movimentos de maneira mais hostil. Hostilidade que vai desde as redes sociais ao poder judiciário brasileiro.

Nesse sentido, perde-se a participação inclusiva de agentes ativos na discussão urbana, que são responsáveis por colocar em xeque “questões referentes ao uso do solo, e a problemática habitacional, pautando, assim, uma política mais coerente com os problemas das cidades brasileiras” (ARAGÃO, SORAGGI E CORRÊA, 2021) que são importantes para que as medidas políticas sejam efetivas e equitativas.

Por tanto, é necessário reconhecer a relevância dos movimentos sociais na disputa por moradia. Ao longo dos anos eles estabeleceram um roteiro com ações sociais que levaram à resultados positivos já elencados anteriormente. Embora tenham sido amplamente ameaçados entre os anos de 2019 à 2021. É nesse contexto político de crise na militância que se desenrola o enredo da obra de Fuks aqui analisada.

Aqui conflito entre aqueles que querem utilizar a cidade objetivando apenas o seu bem-estar social e aqueles que a veem como um veículo para a acumulação de capital é central para a teoria do conflito. Consideramos que há uma suspensão das regras éticas e constitucionais enquanto se tem uma defesa dos interesses capitalistas, dessa forma não há uma responsabilidade de garantir algum direito civil.

2.2 DESIGUALDADE SOCIAL

Falar sobre desigualdade social no Brasil não é algo novo ou pouco desenvolvido, há décadas se fala sobre a enorme diferença econômica de nossa população. Pode-se observar no decorrer da História nacional que há condicionamentos eventuais que justificam a má distribuição de renda entre regiões, classes e etnias. Partindo do período colonial a formação republicana, o país contribuiu para a concentração de riquezas e exploração do trabalho.

(...) afirma que a concentração crescente era uma escolha, pois o governo tomara decisões que deliberadamente aumentavam a desigualdade: reprimia negociação salariais e comprimia o salário mínimo. (...) vindos de alguém que fizera parte da máquina do governo, ajuda a desenhar as políticas de crescimento acelerado e era reconhecido internacionalmente. (Medeiros, 2023, p. 49)

Medeiros cita os estudos de Albert Fisholow, economista brasileiro-americano que publica considerações após os resultados do censo de 1970. Com esses números, Fisholow pôde observar que o Estado brasileiro havia colaborado para os notáveis percentuais de desigualdade social. O reconhecimento de que um indivíduo que atribuiu esta afirmação fazia parte daqueles que conceberam políticas, só pode reforçar o conceito de que tais escolhas não foram apenas intencionais, mas também premeditadas.

A geração e concentração de rendimento e riqueza aqui resulta normalmente de uma decisão política – o resultado de ações tomadas por um órgão governamental para favorecer uma pequena minoria através de sistemas que prejudicam a grande maioria. Isto sublinha a importância dos acordos institucionais que impediriam este fluxo e poderiam promover a

redistribuição. Mantendo os níveis sob controle. Portanto, o desenvolvimento sustentável para todos os membros da sociedade é possível no futuro.

Encontramos ainda no estudo de Marcelo Medeiros (2023) contribuições importantes para a reflexão acerca das disparidades econômicas nacionais. O livro *Os ricos e os pobres* (2023) publicado pela Companhia das Letras, discorre sobre como a desigualdade pode se apresentar multifacetada. Além de se poder observar as desigualdades entre as fatias percentuais das classes, ainda se pode analisar como a diferença também existe internamente entre as próprias classificações.

Resumindo: o Brasil se caracteriza por uma grande massa de pessoas de renda baixa que difere de um grupo pequeno de pessoas bem mais ricas que as demais. A massa de baixa renda é relativamente uniforme. Há diferenças dentro dela, mas são pequenas quando comparadas ao que se vê em partes mais altas da distribuição. Já no topo, a cena muda. Há muita diferença entre os mais ricos. (Medeiros, 2023, p. 19)

Ao fatiar as condições sociais e econômicas dos brasileiros, observa-se que há uma grande parcela que está homogeneamente em uma mesma situação, com possibilidades instáveis de mudança. Além de outra pequena parcela que centraliza um alto índice de riquezas. Assim, “boa parte da renda está concentrada nos mais ricos e, por isso, a maior parte da desigualdade é dada pelas diferenças dentro dos mais ricos e entre os ricos e os demais.” (MEDEIROS, 2023) o que dificulta, por exemplo, a taxaço de renda de forma equitativa.

Essa taxaço que poderia ser revestida em medidas que buscassem diminuir os patamares exagerados de desigualdade social no Brasil. Porque além desses que se encaixam em números e ainda têm fichas a serem apostadas, há aqueles que nem se quer podem ser considerados integrantes de uma medida econômica mensal. Pois não têm ganhos mensais e uma residência, como as pessoas em situação de rua e aqueles que vivem de trabalhos informais.

Quando se computa a desigualdade na renda do trabalho, a população de referência é a dos trabalhadores, fica de fora quem não trabalha. Já no caso do cômputo da renda familiar, quem não trabalha entra na conta, mas quem não vive em uma "família" fica fora. Mais exatamente, quem não vive em um domicílio particular permanente não tem dados de renda coletados, porque o termo "família" refere-se a conceitos distintos. (Medeiros, 2023, p. 21)

É relevante analisar todas as possíveis nuances que os dados de base podem influenciar no resultado de dada pesquisa. No caso de dados quantitativas sobre a situação econômica dos brasileiros, é mais que necessário perceber que há alguns conceitos excludentes em torno da verdadeira situação. Ou seja, os números são alarmantes, para além disso, esses números são pessoas que vivem a margem da sociedade. Sem existência.

Poderíamos ponderar as perspectivas diferentes ao analisarmos a desigualdade de renda no Brasil. Ademais, o conceito de "família" pode apresentar variações de acordo com o contexto de realidade individual, e assim não abranger todas as formas de convivência e arranjos familiares, o que pode limitar a análise. Portanto, é importante considerar essas questões e utilizar metodologias adequadas para analisar e compreender a desigualdade de renda de forma mais abrangente e precisa.

Fica claro que o problema da desigualdade social não é nada simples, em toda sua complexidade apresenta questões históricas, políticas e regionais. Para tanto, tentar solucioná-lo exigiria um esforço múltiplo, com a união e comprometimento de diferentes forças sociais.

Em toda essa discussão há uma mensagem importante: para encarar um problema de magnitude tão grande quanto a desigualdade no Brasil, não é sensato apostar em fórmulas mágicas. Combater a desigualdade vai dar trabalho, vai custar caro, vai levar tempo e vai consumir muito capital político, porque exige enfrentar diretamente os conflitos distributivos que existem na sociedade (Medeiros, 2023, p. 13)

Medeiros afirma que é complexo o combate à esse fenômeno, mas não é impossível que o seja feito. O fato é que tal enfrentamento levaria a decisões que são difíceis de serem tomados, principalmente no âmbito político. Implicaria diretamente na criação de políticas públicas que garantissem a melhor distribuição de renda, acesso a serviços básicos de qualidade, como educação e possibilidades mais igualitárias para todos os civis.

Ao mesmo tempo em que seria crucial que houvesse o comprometimento do setor privado em reduzir esses índices a partir de taxações tributárias, lucratividade justa entre quem produz e quem vende. Sem o comprometimento sério e duradouro por parte dessas autoridades e da sociedade em geral, fica difícil prever uma mudança. Pois a transformação necessária para reduzir a desigualdade demanda tempo, recursos e um esforço coletivo de longo prazo.

É essa desigualdade social que a cidade espelha em sua organização. Prédios abandonados nos antigos centros da cidade, ou seja, formação de ruínas urbanas se coadunam

com os sujeitos sociais expropriados, sem moradia, sem direito a cidadania. A cidade se transforma em uma mercadoria de forma que o valor de troca de seu metro quadrado determina o quem pode ter direitos e quem não, configurando a desigualdade social a partir do acesso de redes de serviços públicos e privados. Mobilidade, saneamento, escolas, hospitais, cultura e lazer, trabalho são codependentes do planejamento (ou não) do espaço urbano. E é esta relação que aparece gritante no percurso de Sebastián em a Ocupação. Aparentemente pano de fundo, esta desigualdade toma projeção importante da narrativa através do aprofundamento das pessoas envolvidas na ocupação descrita no romance.

3 ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: A ARTE NARRATIVA DE JULIÁN FUKS

Julián Miguel Barbero Fuks, nascido na cidade de São Paulo no ano de 1981, é romancista, contista, crítico literário e colunista nos jornais Folha de S. Paulo, Cult, Entrelivros e UOL. Autor de romances como, *Procura do romance* (2011), *A Resistência* (2015), traduzido para cinco línguas e vencedor de diversos prêmios, como Jabuti (2016) e Saramago (2017). Em 2019, Fuks publica *A ocupação*, objeto de estudo desse artigo. E foi considerado um dos vinte melhores jovens escritores brasileiros, pela revista Granta no ano de 2012.

Fuks se dedicou a crítica literária com a obra *Histórias de literatura e cegueira* (2007). Recebeu o título de mestre em teoria literária pela USP, em 2009. Seu trabalho de dissertação foi referente ao autor da Argentina, Juan José Saer. Em 2016, defendeu sua tese de doutorado "História abstrata do romance", tornando-se doutor em Teoria Literária, também pela Universidade de São Paulo (USP).

A literatura produzida por Fuks apresenta uma tendência para a mistura entre a ficção e alguns fatos pontuais de sua vida real. Ele utiliza o personagem-narrador Sebastián, que se constrói como seu alter-ego em três de suas obras. *Procura do romance* (2011), *A Resistência* (2015) e *A ocupação* (2019). Com enredos diferentes, cada romance apresenta separadamente aspectos da vida pessoal de Julián.

Em *Procura do romance* (2011), o escritor Sebastián passa por uma crise de criatividade durante a produção de um dos seus romances, disposto a resolver a questão, o personagem viaja para a cidade de Buenos Aires, na Argentina. Onde irá enfrentar conflitos de sua identidade, escrita literária e com a própria literatura. Com o uso de uma linguagem bem elaborada e poética (característica comum do autor) o livro faz com que o leitor construa uma reflexão acerca do processo de escrita e sobre o papel do escritor na sociedade contemporânea.

O desejado livro de que se empenha Sebastián, porém, ;não progride;. Num paralelo com a ficção, o autor (filho de argentinos acomodados no Brasil) entrega a ;parcial; nacionalidade argentina. E, dado à racionalização, Fuks adota uma vertente metalinguística, do romance ;que se volta sobre si mesmo;. (Daehn, 2012)

Os pais de Julián, vieram para o Brasil durante o período em que se instalou na Argentina uma ditadura militar, em meados da década de 1970. Dessa forma, mesmo que autor tenha nascido no Brasil, é perceptível a consideração sobre sua origem latina e como isso influencia no enredo da obra. A adoção de uma vertente metalinguística no romance, que se volta sobre si mesmo, revela a capacidade do autor de explorar a própria linguagem e estrutura narrativa, levando o leitor a refletir sobre a própria natureza do ato de contar histórias.

Em *A resistência* (2015) Fuks escreve sobre a sua família que se refugia no Brasil, devido a ditadura militar ocorrida na Argentina. Na introdução da obra, o autor deixa claro que pretende narrar a história de seu irmão adotivo, embora haja muito sobre todos os seus familiares. No decorrer do enredo as memórias de seus pais se mesclam as suas, e formam uma parte significativa da narração. *A Resistência* foi aclamado por críticos e vencedor de diversas premiações. Fuks conseguiu tratar questões complexas com a linguagem e sensibilidade comuns a ele e sua escrita.

No constructo da obra, há uma semelhança com o livro publicado, posteriormente, em 2019, analisado nessa pesquisa. Os conflitos vão sendo tratados capítulo à capítulo, intercalando-se de forma clara e homogênia “Os capítulos alternam-se entre questionamentos sobre a origem do irmão – na tentativa de entender os motivos de ele ser como é – e a busca pelas origens de sua família – na tentativa de conhecer onde e como viviam antes de fugirem de seu país” (TELLIER, 2016). Assim, a narrativa se desenvolve de forma envolvente, explorando tanto os conflitos internos dos personagens quanto as questões sobre suas origens e identidades.

Em *A ocupação* (2019), Fuks irá apresentar um momento mais presente de sua vida, com a mesma tendência usada nesses romances. O livro tem como personagem-narrador, o alter-ego de Julián, “(...) senti que retornava a mim mesmo: Sebastián(...)” (FUKS, 2019) que agora tem a tarefa de escrever sobre a ocupação do antigo Hotel Cambridge, na cidade de São Paulo.

O prédio é ocupada por imigrantes, um deles é responsável por entrar em contato com Sebastián. O objetivo é que ele conte as histórias daqueles moradores que lutavam diariamente por sobrevivência, superação, direitos e paz. Além de narrar sobre a ocupação, o escritor também enfrenta dois conflitos pessoais: o pai internado com o estado de saúde fragilizado; e a gravidez da esposa que resulta em aborto espontâneo.

O autor retrata cada problemática citada anteriormente de forma individual em cada capítulo. Esses que são curtos. Capazes de fazer com o que leitor reflita criticamente acerca

do tema “luta por moradia no Brasil” enquanto se consterna com a situação pessoal e triste de Sebastián lidando com a doença do seu pai, e a desconstrução de uma expectativa altíssima, dele e da esposa, de terem o bebê e, posteriormente, passarem pela perda.

Fuks tem sido um grande destaque na literatura brasileira contemporânea desde que começou a produzir seus escritos que tratam de questões como identidade, memória e pertencimento, de forma distinta. Ele consegue entrelaçar a ficção com elementos de sua própria vida – entregando narrativas profundas e cativantes. O leitor é atraído pela sua complexidade ao serem narrados com delicadeza e poesia; as histórias abordam questões sociais e psicológicas com sutileza.

Através desta abordagem única, Julián emergiu como uma figura significativa – um autor capaz de capturar a essência das experiências e emoções humanas através do seu talento artístico. Em essência, é visto como alguém que contribui para o cultivo de relacionamentos na sociedade devido à empatia que suas obras evocam entre os leitores que se sentem tocados por suas palavras poéticas e assertivas. Muitas das vezes difíceis de digerir, quase intragáveis por expressar demais uma realidade que preferimos ignorar.

3.1 A RELAÇÃO FAMILIAR EM A OCUPAÇÃO (2019)

Já no primeiro capítulo do romance, Fuks nos mostra um dilema um tanto comum para a população brasileira. O personagem se depara com um bêbado e uma criança faminta, os dois o pedem dinheiro, para usos diferentes. O narrador que já havia prometido a doação em dinheiro ao homem, fica em dúvida se o uso da criança não seria mais relevante, mas acha falta de ética não cumprir a palavra dita primeiro. Há uma frase que se repete em toda a obra “Todo homem é a ruína de um homem” (FUKS, 2019) com essa frase, Julián observa como os indivíduos da sociedade contemporânea sempre parecem cindidos por sua vivência.

O conflito com a saúde de seu pai é o início da narração do aspecto familiar, quando ele precisa ser internado às pressas no hospital em estado delicado, a máxima volta a se repetir, mas como se esse pensamento crítico ficasse em segundo plano diante da situação. “Não pensei se o homem era a ruína do homem quando cheguei para ver o meu pai. Não pensei em nada.” (FUKS, 2019) O personagem que sempre viu o pai como sinônimo de força, acaba percebendo a finitude da vida e como os hábitos podem causar uma situação de saúde complicada em um futuro próximo.

O hospital se torna o ambiente padrão das narrativas com o pai, iniciando pela sua internação. Fumante há muito tempo, ele apresenta uma doença consequente desse vício.

Sebastián lamenta o estado atual de seu pai, reconhecendo que se não tivesse feito uso de nicotina por tanto tempo, poderia ter mais tempo com a família, com ele. “(...) eu queria a chance de arrebatá-lo de seus lábios um cigarro, como se assim lhe arrebatasse da boca a morte.” (FUKS, 2019) é um lamento de quem sente as dores desse momento tanto quanto quem é paciente.

A família é um tema recorrente nos romances de Fuks. Mas em outras obras a trajetória da família conduz ao sentimento de resistência, apesar das dificuldades. Questões do passado buscam uma compreensão em suas narrativas. “Meu pai foi um militante, foi um clandestino. Já narrei uma vez sua militância, sua luta em década longínqua contra o arbítrio instalado em seu país, já descrevi a perseguição que sofreu, uma existência abalada pela política.” (FUKS, 2019) Em *A ocupação (2019)*, o sentimento é angústia, pela doença que rouba o bem-estar, a vida de seu pai e a alegria de sua mãe. Além do sentimento de perda junto a esposa. O revestimento narrativo do vínculo familiar se mostra como uma equação quase impossível de ser resolvida.

A figura de seu pai, presente também em alguns de seus outros romances. Tomou forma de um homem forte, corajoso e bem definido politicamente falando. Havia atuado na resistência a ditadura na Argentina e posteriormente tido a necessidade de se refugiar com sua família no Brasil, esse percurso faz parte dos enredos já publicados por Fuks. Em uma forma bem consistente de admiração, o escritor consegue documentar os caminhos tomados por sua família.

Mário Barbero Fuks foi psicanalista e professor no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Ele faleceu no dia 5 de dezembro de 2022. É personificado em três obras de seu filho: *Procura de uma romance*; *A resistência* e *A ocupação*. Em seu personagem, Mário assume a mesma profissão “Ele, um psicanalista, a vida inteira a vasculhar sentidos no discurso dos outros(...)” (FUKS, 2019) e as mesmas vivências, recorrendo à uma escrita quase bibliográfica nesse sentido.

Sebastián passa todo o tempo de narração com seu pai no hospital em que ficara internado. Como a mãe não tinha condicionamento físico de ser acompanhante integral, o escritor cumpria esse papel. Em alguns momentos procurava se distrair com as notícias jornalísticas e pensamentos sobre o contexto político do Brasil.

A maior parte do tempo passava enturvado pela luz do celular, perdido em notícias incontáveis sobre a mais recente convulsão nacional, dramática e efêmera como as

demais — a compor e a ocultar o quadro maior, o retorno paulatino do país ao seu passado autoritário. (Fuks, p. 20, 2019)

O escritor buscava se dispersar do quadro clínico de seu pai com as análises midiáticas sobre os rumos da democracia brasileira no ano de 2019. Talvez o fizesse por sentir que a figura passada de seu pai seria exatamente esse crítico se assim pudesse. Refletir política podia aproximar aquele espírito de militância presente em um homem multifacetado por ela mesma, mas muito definido por suas escolhas e considerações. Naquele momento esse militante composto só podia lutar pela vida.

Agora olhava para o meu pai na cama de hospital e as palavras da minha mãe ressoavam: Ele não está bem. Tinha o meu pai a poucos passos e, desde a primeira noite em que me vira a acariciar fortuitamente o seu braço, eu quase não era capaz de tocá-lo. (Fuks, 2019, p. 30)

Talvez fosse a primeira vez que o escritor enxergava seu pai como um homem sujeito à mortalidade e mais frágil que o normal. O que para ele foi uma base estável e fechada, agora parecia precisar de uma reestruturação. Como uma casa velha precisando de uma reforma. Como o navio de Teseu após muitos dias de sol ao ter se tornado um troféu. Mas o que lhe restara era a dúvida, assim como no paradoxo: seu pai ainda era o mesmo? Pareciam figuras distintas, o homem forte e aquele corpo debilitado pela grave doença.

Aquele não era o meu pai, lembro que por um instante consenti. Por toda a vida observamos no rosto de um pai as mais diversas emoções, os mais distintos afetos, amor, comoção, cansaço, nervosismo, mas nem todo o resto se lhe faz característico, nem toda expressão se converte em sua síntese. Meu pai era para mim, ao menos até então, a figura do sujeito absorto, perdido em itinerários íntimos distraídos. Meu pai era um sujeito que vinte anos antes se livrara de si, o homem de cigarro na mão, sorvendo do cigarro um prazer profundo, sorvendo o mundo com seus olhos contraídos. Esse homem existia apenas nas fotografias, era o culpado pelo destino do outro agora preso à cama, e a mim talvez coubesse me ressentir. (Fuks, 2019, p. 21)

O pai aqui é retratado pelo narrador como uma figura distante e fechada, alguém que parece ter se libertado de seu próprio ser, juntamente com os deveres a ele vinculados. A imagem do pai perdido em nuvens de fumaça e contemplação contrasta fortemente com seu estado atual; agora acamado devido a problemas de saúde e dependente em todos os sentidos.

Uma dissonância emocional surge dentro do narrador ao perceber essa incongruência entre a imagem idealizada que ele tinha de seu pai e a dura realidade diante dele.

O estado de saúde do psicanalista continua a piorar durante o desenvolvimento do enredo, seu corpo sente o cansaço nunca antes descrito nas narrativas de Fuks. A tentativa de permanecer forte até o último momento, de se fazer símbolo de algo, com um legado a ser conservado, porém, é mantido. Mesmo com a doença pulmonar lhe tirando as possibilidades de seguir a vida, ele podia perceber que aqueles momentos podiam ser singelos e relevantes para a sua partida. Como quem prepara um terreno para o plantio.

Em uma das conversas naquele habitual quarto hospitalar, Sebastián e seu pai discutiam um assunto desconfortável: o que fazer com o corpo, onde e como realizar a cerimônia fúnebre. “Não sei o que fazer depois da morte.” (FUKS, 2019) confessou com a voz debilitada. Compilado a harmonizar os sentimentos conflitantes do pai, o escritor propõe diversas soluções. Com objetivo de confortá-lo em seu momento final. O que não se podia esperar é que ele mantivesse seu corpo político até não lhe restar mais nada além de dignidade.

Sempre imaginei que você fosse querer ser cremado, eu disse, alterando o rumo da conversa. Meu pai sempre teve uma retórica digressiva, fundada em sentenças tortuosas que logo exigiam explicações prolíficas, buscando em cada ideia a complexidade, a maior nuance de sentidos - a síntese nunca foi sua virtude. Assim, foi com surpresa que recebi aquela frase taxativa (...) a gélida sentença que ecoou no quarto do hospital (...) Nunca optaria por ser cremado, não completaria o trabalho dos nazistas. (Fuks, 2019, p. 47-48)

A recusa do pai de Sebastián em ser cremado para não deixar os nazistas terminarem o seu trabalho é uma indicação de suas emoções em relação à morte e ao corpo humano. Nesta decisão, vemos a resistência contra a violência e práticas desumanas – como o que foi testemunhado durante o Holocausto. Ao defender o seu corpo físico e dizer não à cremação, o pai de Sebastián pretende manter vivos alguns valores éticos e morais: ele mostra a sua integridade até ao último suspiro, além de se fazer protesto por aqueles que como ele, não puderam escolher.

Após essa conversa, o psicanalista faz uma revelação ao escritor, que lhe atribui ainda mais um teor de resistência. E a resistência se constrói para ele como um lugar, um lugar ao qual ele sempre pertenceu. “Meus avós paternos, seus bisavós, ele disse, morreram em Auschwitz em 1944.” (FUKS, 2019) ao receber a notícia de seus antepassados, o escritor

parece adquirir uma nova possibilidade de configurar ainda mais forte as suas bases de militância.

E, ainda assim, não era tristeza ou dor que eu sentia, e sim uma espécie de euforia, como se aquilo enriquecesse o meu passado, me aliasse a uma multidão de vítimas, me situasse na história. Talvez até algum orgulho, o mesmo que senti ao saber da militância do meu pai contra a ditadura, mas agora bem menos justificável. (Fuks, 2019, p. 57)

Os escritores sabem que é necessário receber um respaldo de pertencimento para que se tenha “licença” para escrever sobre determinados conteúdos. O tão comentado lugar de fala, que não proíbe fala de ninguém, mas é a base para a legitimidade. Como a escrita sempre fora a forma de luta de Sebastián, talvez essa nova possibilidade o tenha feito sentir a euforia de que sim, ele tem legitimidade para narrar as vidas perdidas por ações de governos fascistas. Sua própria família sempre foi afetada por isso.

O diálogo entre pai e filho parece se transcorrer mais entre aquelas paredes de hospital do que em qualquer outro momento da vida deles dois. Possivelmente porque percebiam que o tempo era tudo que eles não tinham naquela situação. Tudo se tornava urgente, necessário e indispensável. Sebastián questiona o pai o porquê dele não ter lhe contado isso antes, e é quando ele descobre que o pai também havia descoberto recentemente. Só um pouco antes de ser internado.

Essas conversas se estabelecem de maneira tão profunda que a narração é dada a seu pai no capítulo 24. Recorda da última viagem que havia feito com a esposa, antes da fatídica internação. O casal observava as geleiras, enquanto ele emergia em seus próprios pensamentos, observando os efeitos humanos de destruições ambientais. Com medo de toda a imensidão de gelo branco e derretido em sua frente. “(...) chegava a ver Deus, era um Deus que derretia diante dos meus olhos (...)” (FUKS, 2019) é nessa comparação que o psicanalista tem a consideração mais assertiva sobre o que sentia naquele momento.

O medo em que se baseia quase toda religião, na forja de um Deus opressor e protetor a um só tempo. O medo de que se aproveita também quase todo fascismo, o medo de algo incerto mítico, de um inimigo erguido e esculpido com esmero de maneira mais conveniente, o judeu, o imigrante, o socialista, o negro, a mulher, o homossexual, o militante, o excluído. (Fuks, 2019, p. 75)

Mesmo em meio a condição de saúde frágil dando sinais naquela viagem, suas reflexões ainda giravam em torno da opressão. Momentos antes, havia descoberto a morte dos avós em um dos maiores campos de concentração nazista. Ele pensava em como uma coisa tão simples como o medo foi capaz de sustentar tanta crueldade. Como ali, décadas depois, após tantas considerações, o mesmo autoritarismo ainda era capaz de se instalar na sociedade.

Todo o combo de emoções que o pai de Sebastián sentiu na viagem, não o deixou perceber que a doença pulmonar já estava lhe tirando o ar aos poucos. No fim da tarde daquele dia, ele foi levado pela ambulância, internado com emergência e trazido de volta ao Brasil para que pudesse ver os filhos. O escritor ouve toda a narração do pai como se fosse sua tarefa mais nobre naquele momento.

Mas ele tinha algo a falar, uma notícia controversa. Pois ao mesmo passo que melhorava o momento, o deixava um pouco mais triste também por saber que talvez o tempo não fosse generoso. “Pai, eu vou ter um filho. Que notícia linda, Julián. Obrigado por me dizer. Obrigada a você, pai. Mas aqui você me chama de Sebastián.” (FUKS, 2019) Fuks usa uma breve passagem do romance para complementar a sua escrita auto ficcional, reafirmando a sua característica já renomada de bibliografar as relações familiares.

Sebastián é a personificação de Julián. O escritor cheio de conflitos, com a literatura gritante, porém aveludada. O toque mais pessoal que talvez se tenha colocado nesse enredo foi a recusa em narrar a morte de seu pai. Ele deixa subentendido que a situação continua se agravando, se tomando mais piedosa. Mas o momento da morte não se faz. “Não quis matar meu pai, nem poderia matá-lo nestas páginas - minha imaginação não teria esse alcance. Mas teria sua morte como se nela pudesse se inscrever o fim de um mundo inteiro, o fim de um visão, de uma utopia.” (FUKS, 2019) assim ele finaliza os momentos com o seu pai em *A ocupação (2019)*.

O aspecto de narração familiar tem continuidade no romance com a relação matrimonial. O casal planeja uma gravidez, e depois de meses tentando, eles conseguem. Mas posteriormente precisam lidar com um triste aborto espontâneo, soterrando um sonho coberto por expectativas. O escritor e a esposa caem em tristeza profunda, o silêncio e o desconforto pairam entre eles nos dias seguintes ao acontecimento. Embora consigam reestabelecer novamente o vínculo da relação com apoio mútuo.

Mas cabe aqui analisar todo o processo de construção em torno desse planejamento. A princípio Sebastián narra o momento em que sua mulher propõe a possibilidade deles terem um filho. Era uma noite comum, de um dia mais comum ainda, eles caminhavam na rua e de repente como se não pudesse mais guardar, ela fala “(...) a gente precisa decidir se vai ter um

filho ou não.” (FUKS, 2019) essa indagação acaba pegando o escritor de surpresa. Ele que sempre a ouviu falar que não pretendia ter filhos, enquanto ele sempre havia sonhado em ser pai.

Naquela noite de primavera, então, naquela noite que soprava o último resquício de um inverno, quando ela afirmou que precisávamos decidir se teríamos um filho ou não, naquele instante, em nada pude me surpreender, e entendi sem dúvidas alguma que não havia ninguém a convencer, que não havia nada a decidir. (Fuks, 2019, p. 19)

Ao perceber que possivelmente os anos haviam fortalecido o vínculo entre o casal e que o tempo era imbatível em sua passagem, e não os pouparia se aquela decisão não viesse. A mudança repentina de pensamento em relação à maternidade, se faz consequente. O trecho transmite a intensidade do momento vivido e a complexidade das dinâmicas de um relacionamento, onde as vontades e expectativas individuais podem se chocar ou se complementar em tempos diferentes.

Ao longo dos meses seguintes, o casal tenta engravidar, mostrando a determinação e o comprometimento de ambos em realizar esse desejo em comum. Sebastián se mostrava menos preocupado com o fato de não terem conseguido êxito “(...) só estamos tentando há alguns meses, nada deveria nos preocupar.” (FUKS, 2019) ele dizia para acalmar sua mulher, enquanto ela se preocupava com o fato deles já terem uma idade que possivelmente complicaria o processo.

Os meses se passavam, a expectativa crescia e eles não conseguiam “A cada mês, nos dias que antecediam a negativa, nossa vida se convertia numa oscilação de ânimos, uma torrente de especulações e incertezas” (FUKS, 2019) o casal sente a ansiedade e a angústia vivida diante da expectativa de uma possível negativa. A incerteza do futuro e a constante oscilação entre esperança e medo criam um clima de tensão que permeia suas vidas. A cada mês que passa, a espera se torna ainda mais insuportável, evidenciando a complexidade emocional desses personagens diante de uma situação tão delicada.

Mesmo com as inúmeras vezes em que eles haviam esperado o resultado e ele fosse negativo. O casal não desistiu da maternidade, continuaram tentando. A esposa que já havia optado por se distrair com as plantas recém colocadas no apartamento, já havia pensado na possibilidade de adotar um cachorro para aplacar aquele sentimento de insuficiência. Tem

uma nobre surpresa e tamanha alegria em ver o primeiro teste, dentre tantos outros, que estava positivo.

O caso é que, para os seres pouco ponderados que soubemos nos tornar naquele momento, ela já estava grávida, já começávamos a gestar aquele ser intermédio, metade ela, metade eu, culminação do encontro entre corpos que durava mais de uma década. A impressão era estranha, não era um teste de gravidez o que aguardava no banheiro (...) Era o nosso filho (...) (Fuks, 2019, p. 60)

A forma como o autor descreve a descoberta da gravidez como a gestação de um "ser intermédio" que é parte dela e dele demonstra o quão profundo e significativo é esse processo de concepção para os pais, e como a criança já está presente e sendo preparada desde o momento da descoberta. A metáfora de que não era apenas um teste de gravidez, mas sim a presença do próprio filho ali, é a confirmação de que eles o aguardavam ansiosamente.

Sebastián, que mesmo em visitas ao seu pai com o estado de saúde debilitado, se dispersava com fatos da história contemporânea e suas contradições. Não pode naquele momento pensar em mais nada, não podia se desligar de estar contemplando uma vitória pessoal e significativa para a vida de um homem. "Que a história trilhasse o seu caminho de convulsões e sentidos indiscerníveis, daquele momento eu não me alienaria." (FUKS, 2019) e assim ele comemorou junto a esposa, passando todo o carinho que podia à aquele feto que se desenvolvia naquele ventre entre suas mãos.

As primeiras semanas de gravidez se passam, e o casal continua embalado por uma alegria e aproveitam cada momento daquele processo "(...) a palpitação crescente de um coração que não era o meu, que não era o dela, um coração acelerado que se fez, por um átimo, de alguma maneira, surpreendentemente nosso." (FUKS, 2019) a presença do feto se desenvolvendo foi a alegria e redenção do escritor em meio as duas problemáticas. Durante os meses de gestação que se seguiram, toda a felicidade de finalmente terem conseguido tomou conta da narração, da casa e do matrimônio deles.

O fato é que esse aspecto também iria se tornar motivo de dor e angústia para Sebastián. Eles decidem fazer uma viagem, porém, no caminho a ser percorrido de carro ela conta-lhe que não consegue sentir coisa alguma em seu útero e que uma pequena dor estava provocando desconforto. Enquanto ele tentava suavizar os sinais na esperança de que os sintomas tivessem outras explicações que não fosse a possibilidade de desconstruir o pai e a mãe que se havia se formado até ali. Porém, o sangramento já havia aparecido como outro

forte sintoma de aborto espontâneo e a tristeza de uma confirmação que ela havia perdido o bebê já se instalava entre os dois.

Tinha sangrado de novo e dessa vez não era só a viscosa vermelha, parecia haver algo mais denso, mais espesso. Fui seguindo o foco da sua lanterna até que ela iluminava a água turva, e ali, num relance, quase submerso, um tecido esgarçado, um ovo de contornos imprecisos e tom cinzento. O corpo fantasmático que passaria a habitar os seus pesadelos, e que eu baniria dos meus. (FUKS, 2019, p. 87)

O destino duramente não escolhera momentos adequados para sequenciar vivências dolorosas na vida de Sebastián, tudo acontece em períodos próximos, o estado de saúde do pai e agora a perda de uma pessoa que havia sido planejada nas expectativas de uma convivência diária e longa, agora era interrompida. Para a esposa do escritor o aborto é ainda mais intragável, ela sofre consequências irreparáveis pela desconstrução de um papel que já havia sido consolidado. O clima de desconsolo toma conta da relação e os dois vivem momentos silenciosos de desconforto onde o impacto do aborto é inevitável. Mas o casal respeita o momento e supera a crise aos poucos com o mesmo amor genuíno que se apresenta durante todo o enredo.

A personagem da esposa é apresentada como alguém que está sempre ao lado do protagonista, apoiando-o nos momentos difíceis e compartilhando com ele as alegrias e as tristezas. É interessante observar como a presença dela é fundamental para o desenvolvimento da trama, sendo um ponto de equilíbrio para o protagonista em meio ao caos de sua vida. Também é possível perceber que nem tudo são flores nessa relação. Há momentos de conflito e desentendimento, que são explorados delicadamente por Fuks, mostrando que nenhum relacionamento é perfeito e que é preciso haver esforço e dedicação de ambas as partes para superar as adversidades.

Dessas relações familiares que são apresentadas no enredo, podemos concluir a formação de duas figurações sociais, apontadas diretamente para a personagem do pai e da esposa do escritor. Seu pai que representa a militância desde sua formação política até os momentos finais, se recusando a ser cremado, em claro protesto às ações nazistas e em respeito à aqueles que morreram das piores formas, inclusive seus avós. A figura do psicanalista tem uma existência política em todos os romances de Fuks, política de protesto e resistência.

Por fim, a esposa, que representa o anseio pela maternidade que toda mulher em seus 30 e poucos anos sofre. A sociedade ainda tem o requisito mãe como uma forma da mulher alcançar a sua completude. Ao se deparar com a possibilidade de poder não ter filhos, a esposa de Sebastián busca preencher a casa com plantas ou adoção de bichos domésticos. Ao perder o bebê, ela não consegue se conectar ao marido rapidamente pois não está inteira, nem que pudesse representar só metade. Esse é um sentimento compartilhado por muitas mulheres, essas que sofrem a pressão social para se tornarem uma figura materna com o passar dos anos.

3.2 A OCUPAÇÃO DO HOTEL CAMBRIDGE

Por fim, o escritor ainda narra a ocupação do Hotel Cambridge e é responsável por dar novas vestimentas gramaticais aos relatos dos imigrantes. É possível notar a carga emocional em cada nova narração sobre as origens e os motivos que os levaram ao exílio brasileiro. “Disseram que você escreve sobre exílio, sobre vidas desgarradas, sobre árvores cujas raízes estão fincadas a milhares de quilômetros, ele disse em seu sotaque áspero, sua rouquidão agravada pela estática do telefone. Sim, já escrevi sobre um exílio[...]” (FUKS, 2019) Najati é o imigrante que entra em contato com Sebastián, onde lhe pede para que vá a ocupação e conheça os demais imigrantes e suas histórias.

Najati é um imigrante da Síria, ex-carcereiro, ao ir ao hotel ocupado ele entrega ao escritor um compilado de contos e relatos autobiográficos, convidando-o a falar sobre as figuras atônitas daquela ocupação. O sírio retorna a criação do alter-ego de Julián no romance já citado, *A resistência* (2015). Quando ele liga para Sebastián se refere aos imigrantes como árvores que de alguma forma precisam deixar os seus países com urgência, mas que mantêm suas raízes muito distantes do seu exílio. As políticas extremistas e as milícias que alimentam a guerra, a destruição e levam as pessoas assim a serem ruínas, e ficam em um estado humanamente irreparável como observa o escritor.

Ali, já incapaz de calar meus pensamentos não sei se cheguei a pensar enfim que todo homem é a ruína de um homem. Sei que o vi através da névoa seca dos meus olhos, vi pela primeira vez, e pensei pela primeira vez que aquele não era um homem, que aquilo não era um homem, era só as suas ruínas. (FUKS, 2019, p. 17)

Ao encontrar o imigrante, o escritor retorna a frase, mas com uma realidade bem mais densa onde não havia resquícios de um homem, Najati só transparecia suas dores e enormes

feridas abertas por ter perdido seu lar e sua família. Ele relata as narrativas em seu livro buscando sempre manter a essência dos momentos descritos com os moradores do prédio, aqueles sentimentos transmitidos pelas palavras que tateiam a dor e as rachaduras dos que estavam nas ruínas de um antigo hotel e “(...)parecem estar sempre fugindo de alguma coisa(...)” (FUKS, 2019), vivendo de incertezas, lutando para existir. Essas experiências e lutas podem ser retratadas na literatura para mostrar a realidade desses sujeitos marginalizados.

Eu lia esses textos e não pensava no autor; pensava na própria literatura, ou pensava em mim. Com que força aquelas páginas me atingiam, incompreensivelmente talvez, quanto me submergiam em sua atmosfera de dor e desolação. Fazia tempo que a literatura não produzia esse efeito em mim, não fugia de seus jogos cansativos, suas vaidades[...] fazia tempo que a literatura não se mostrava tão urgente e expressiva (FUKS, 2019, p. 36)

As histórias daqueles imigrantes na ocupação começam a ganhar seus lugares, e a construir o aparato emocional que a narrativa desenvolve em seus conflitos singulares. Mas, *a priori*, o mesmo diagnóstico social e pessoal de uma vivência presente rachada, em consequência de um passado doloroso e que espelha a expectativa de um futuro desconhecido é o mantido.

Fadado a carregar os montantes de frustrações que tivera até ali. Pai de Sumayya e avô de Maria e Noos, Najati preserva o contato com a família que ficaram em Homs, sua cidade natal. Após os embates entre o exército e as milícias, o seu bairro havia sido tomado, “As casas do bairro, inclusive a sua, foram esvaziadas de seus habitantes e saqueadas, ocupadas em seguida por oficiais do exército ou por membros das milícias.” (FUKS, 2019). A guerra foi tão intensa que a cidade chegou a ser bombardeada e a violência se instalou permanentemente, fazendo com que o país tivesse um grande número de imigrantes que procuravam salvar suas vidas em exílios distantes.

Najati se torna quase que como um confidente do escritor, que absorve com cuidado, ouvindo e lendo os seus relatos, com grande sensibilidade, sobre o homem exilado de seu lar e da sua família pela guerra humana. O contato que Najati tinha com a família foi perdido de repente, “(...)fazia semanas que não falava com Sumayya, e a mulher, ainda na Síria se tornara plenamente inacessível” (FUKS, 2019) e isso o preocupava constantemente, fazendo com que o imigrante tivesse a súbita coragem de retornar ao seu país para reencontrar sua família.

No silêncio daquele lugar, a voz que agora se calava dizia algo cristalino. Seu retorno à Síria, seu retorno a Homs, agora que as bombas inaudíveis pareciam cessar, agora que em seu país não devia restar nenhuma esquina por destruir, era lógico e necessário. Desafiar seu desterro oficial, povoar de rostos conhecidos o deserto de sua intimidade. Erguer das ruínas uma nova casa, um edifício sólido sobre o chão impossível, esse era o único desfecho para a sua história. (FUKS, 2019, p. 117)

A relação entre Sebastián e Najati foi tomando proporções ao passo que os relatos daquele homem invadiam de forma estarrecidora o interior do escritor, causando-lhe uma estranha familiaridade entre eles. Mas a partida do imigrante não lhe causou coisa alguma pois para o seu lado racional era perceptível que aquele não era o lugar que o sírio poderia chamar de lar, que ali não estavam suas raízes, nem tão pouco poderia se sentir contente em estar longe de sua família que foi separada pelas possibilidades de sobrevivência momentânea.

Rosa é Imigrante de Aragominas. Após 15 anos de casamento, ela é abandonada pelo marido. Pouco tempo depois teve a casa infestada por ratos, o que levou ela a contratar um exterminador. Após conseguir envenenar todos os ratos, a casa foi tomada por lavas: “(...)era uma nova infestação que atacava a infestação de ratos mortos.” (FUKS, 2019). Cansada de tentar conseguir ocupar a sua própria casa, ela deixou tudo para trás e foi tentar a existência própria ocupando algum lugar que não fosse aquele onde a invadida era ela: “O caso é que cansei de ser ocupada, por homem, por rato, por lava. Agora é minha vez de ocupar(...)” (FUKS, 2019). Rosa é uma mulher que sofreu com a falta de consideração de seu ex-marido que a abandonou após um casamento duradouro, e com os acontecimentos que impossibilitavam que ela continuasse em sua própria casa, ela era tomada pelo sentimento de não pertencimento à sua vida antiga levando-a a ocupação de outros lugares onde ela pudesse sentir que ocupava uma posição singularmente sua.

Demetrio é imigrante de Cusco, sua família e ele viviam em um vilarejo de casas de taipa muito simples e pobre, a procura de melhoria de vida ele foi escapulindo pelos lugares do mundo “trocando a vida por mercadorias pobres.” (FUKS, 2019). No Brasil é costureiro terceirizado, a forma como o narrador conduz a descrição das vivências do imigrante denota como a sua vida profissional se misturou a sua vida pessoal, como se o trabalho tivesse se juntado às suas formas de ser “Falava com indiferença, suas palavras também maquinais, falava sem emoção, como se costurasse vezes demais o mesmo diálogo.” (FUKS, 2019) Os relatos dos imigrantes eram entregues por escrito, com uma gramática precária, ou através de

diálogos entre o escritor e os moradores do hotel que eram gravados. O relato do morador do décimo quarto andar foi gravado, mas tempos depois a gravação de Demetrio foi perdida, porém, o escritor lembrou da última e mais sincera declaração que o costureiro fez.

Que todo dia, enquanto costurava maquinalmente a mesma calça, a mesma camisa, os pensamentos sempre escapam de volta ao velho povoado de taipa, aos braços dos pais e das irmãs, às ruínas centenárias. Que não volta pra casa porque tem vergonha, por este fracasso retumbante que você vê, por este homem que você vê, que não conseguiu nada mais na vida do que fugir continuamente de si.” (FUKS, 2019, p. 64)

Demetrio sente falta de sua família, mas sente o peso de precisar suprir a expectativa de sucesso espelhada em boa qualidade de vida para ele e para a sua família quando saiu do pequeno vilarejo. Ele se enxerga como um fracasso ambulante, pois no fim só conseguia ser uma peça de um sistema econômico que não permite ascensão social para pessoas como ele. Apesar de muito se trabalhar, ele nunca ganharia suficiente para administrar com satisfação a sua “gestão social” e conseqüentemente a sua “gestão pessoal”, estava no mundo defasado onde viviam as ruínas de pessoas que eram os moradores do Hotel Cambridge, e do que sobraram de suas ruínas também.

Ginia é imigrante haitiana, sua narração sobre sua cidade após o terremoto é digna de expor a imaginação de um leitor ao sentimento mais palpável e simples que é a dor. “Gritos saídos de toda parte, como se os próprios escombros gritassem, como se a cidade destruída gritesse, numa imensidão de vozes.” (FUKS, 2019) Toda cidade havia tombado, Ginia que subia a escada de casa, incrivelmente sobreviveu a catástrofe natural, mas perdeu sua filha, que soterrada pelos escombros nunca foi encontrada.

Eu tentava ouvir a voz da minha filha, ouvir seu grito vindo de algum lugar, das entranhas da terra que tentava nos engolir. Eu ainda caminhava à procura da minha filha quando a cidade se fez um cemitério desabrido[...] Ainda hoje, tantos anos depois, mesmo tão longe às vezes me pego a escutar a cidade, a esmiuçar os ruídos, a tentar ouvir a voz que nunca mais ouvi. (Fuks, 2019, p. 72)

Mesmo após anos do acontecido e mesmo com a distância que estava do Haiti ainda sim era inevitável visitar as ruínas em busca de sua filha. Aquele momento foi como a morte

para sua alma, apesar de ressaltar que para alguns ter ficado viva teria sido sorte, ela de alguma forma havia sido soterrada junto a cidade.

Apesar de toda dor transmitida por sua narração, a haitiana queria que as páginas do livro de Sebastián tivessem mais relatos sobre o seu lar, lugar que guarda as suas raízes, que aquele lugar fosse lembrado também pela resistência dos negros que fizeram a revolução para conquistar a liberdade da única forma que lhes cabiam, seres sem vida que iam buscar a redenção na possível liberdade dos seus próximos. Reagiram com os materiais de trabalho para causar a destruição do que Ginia chama de “catástrofe humana”, o colonialismo que era intenso na ilha de sua origem.

Consegue imaginar quanto nos cobraram por isso, quanto ainda pagamos, dois séculos depois? E, no entanto, nenhum de nós jamais venderia a nossa história, a liberdade que conquistamos com a nossa própria força. Caímos, sim, caímos a cada dia, mas de pés firmes no mesmo lugar. Que a terra toda trema, os dois degraus que nos salvaram ninguém vai nos tirar. (Fuks, 2019, p. 73)

Desde o início de seu diálogo com o escritor, Ginia se mostrou áspera, como se suas dores e resistências implodissem com raiva o seu próprio ser, algo similar ao terremoto, momento em que ela perderá uma parte formada de si mesma, em todos os sentidos. Agora ocupando aquele hotel, a mulher negra haitiana, era apenas uma refugiada de sua própria existência que, conseqüentemente, eram ruínas, mas tinham forma de degraus entregando-a a redenção de ser mais que a dor, mas a resistência que emerge da força do seu povo.

Esses são os personagens e suas histórias que ocupam boa parte da narrativa no aspecto da ocupação do hotel na cidade de São Paulo. Um segunda camada se dá pela construção política da ocupação, a presença de lideranças e do movimento social popular. Quando há a citação do movimento por moradia que atua no Cambridge, o autor apresenta uma personagem bastante organizada, considerada uma líder “(...) era Carmem, corpo atarracado, semblante sério. Aquela figura maciça tinha uma autoridade que raras vezes testemunhei(...)” (FUKS, 2019) ela é responsável por gerir as decisões democraticamente e planejar atividades que objetivam conferir a posse do Cambridge aos moradores imigrantes.

Ao marcar uma reunião com alguns moradores da ocupação, Carmem percebe que eles relatam frequentemente problemas relacionados à estrutura do prédio como a insalubridade da água nos andares de baixo, a falta de acessibilidade por o elevador não funcionar, e outras questões de segurança. Mas a líder chama a atenção para um problema bem maior, ao qual se justificava a realização daquela reunião. “A conjuntura é de retrocesso, de repressão, de perda

de direitos. Não dá para se fechar aqui dentro e ficar debatendo, só na delicadeza, esses detalhes de estética.” (FUKS, 2019) nesse sentido, Carmem se refere diretamente a suspensão de direitos ocorridos durante o governo Bolsonaro. Citados, inclusive, anteriormente no tópico de Habitação.

A última participação do escritor na ocupação do Hotel Cambridge é durante a manifestação contra posse do prédio ocupado. O ato de resistência reúne cerca de 300 ou pouco mais de 350 pessoas no saguão do Cambridge. Os manifestantes planejavam caminhar na rua a frente do prédio, mas a polícia começa a formar uma força de contenção e os moradores retornam para o hotel e fazem uma barricada, “Naquela porta talvez se condensasse todo um universo de tensões e disputas de classe(…)” (FUKS, 2019) A polícia representa os interesses mercadológicos, se colocando em cena com a falha tentativa de expulsar os imigrantes do prédio, o que se configura claramente como processo de gentrificação. Enquanto os moradores expressam o valor de uso, suas lembranças, emoções e além de tudo, a luta sublime por direito a moradia.

Os moradores se acomodam no saguão e no restante do prédio, Carmem ainda estava a vociferar palavras duras de resistência e encorajando os companheiros contra a reintegração de posse do hotel, quando surge de uma fala a reflexão que tonteia Sebastián, despertando um sentimento confuso e desolador, ele se sentia ali como um ladrão de vozes daquelas pessoas.

Ninguém me julgava, não havia desprezo nos olhos que me encaravam, mas parecia evidente o absurdo da minha presença naquela sala, me apossando do canto vago que outro poderia ocupar, me apossando de outros cantos ainda mais vagos. Eu, um curioso, um intruso, um infiltrado. Eu, um saqueador de histórias, a roubar daquele gente suas mãos, seus olhos, até a sua voz. (FUKS, 2019, p. 101)

Sebastián entra em embate consigo mesmo, questionando-se sobre o papel que ele estava cumprindo diante daquelas lutas reais que estavam sendo expostas naquela sala, como se todas aquelas histórias estivessem dentro de um núcleo social que nunca é ouvido. Formular os relatos daquelas pessoas a uma escrita e torna-la publicável é como o apontamento mais concreto de que a literatura se perenizou em histórias paralelas a realidade desse mundo cheio de sujeitos fraturados.

A literatura se afunilou ao nível de escrita classicista que são refletidas na homogeneidade dos autores dos romances contemporâneos brasileiros, assim como a representação pouco diversa entre os personagens. Mas chamamos esse debate não com

intuito de discutir se é possível retratar as problematizações por outras pessoas, *A ocupação (2019)* é um exemplo claro de que é possível fazer uma figuração da sociedade deturpada que temos atualmente vista por um ângulo transversal. O que deve ser destacado é a necessidade de estender as outivas da literatura contemporânea para as vozes excluídas.

Na obra é possível analisar claramente o conflito de interesses, que é influenciado pelo capitalismo e sua característica de transformação sobre qualquer item social em mercadoria. Os moradores que ocupavam do Hotel Cambridge, sua grande maioria imigrantes, experimentaram histórias de redenção naquele velho prédio, criaram vínculos, pessoas arruinadas vivendo simbolicamente entre as ruínas, embora tivessem que defender essa fragilizada moradia constantemente.

Ainda se tratando de forças políticas, é importante citar a presença representativa também do Movimento Frente por Moradia. Esse é um movimento de luta organizada, que atua majoritariamente na cidade de São Paulo. A principal ação no roteiro desse movimento é justamente a ocupação de imóveis considerados ociosos para a sociedade, por esse motivo se justifica a direta ocupação por aqueles que não acesso a moradia, direito previsto pela constituição.

No alto do edifício, uma dezena de andares acima, alguém já fincara uma bandeira: uma pano vermelho, inanimado, miserável na ausência de vento, reflexo da miséria do próprio prédio. Demorei a distinguir na bandeira a sigla da FLM, a Frente de Luta por Moradia, demorei a notar que passávamos no imaginário da marcha ao simbolismo da guerra. (Fuks, 2019, p. 96)

O FLM, estava presente em um dos momentos mais caóticos daquela ocupação. Era a luta para defender a existência da ocupação, daquele refugio. O que Carmem dizia aos moradores naquela reunião, se fazia realidade por consequência do conflito entre os interesses citados. Em 2019 o Brasil enfrentou uma das políticas de maior retrocesso social da história. Tanto que a desigualdade foi acentuada à níveis bem maiores já nos seguintes. Foram os movimentos sociais que seguraram a resistência pela equidade social, tanto os movimentos por moradia, quanto os que discutem reforma agrária e redistribuição de renda.

Apesar do sentimento do escritor ao final da narrativa, Fuks permite em sua literatura a possibilidade de caracterizar a problematização social sem se apossar de sua autoria. Se preocupando sempre com o seu lugar, sobre o papel que está desenvolvendo em meio a essa ocupação mútua. Pois, há a ocupação de Sebastián na vivência daquelas pessoas, enquanto Fuks permite que a sua literatura seja invadida por elas.

Por fim, Julián agradece diretamente a Carmem e ao movimento, ressaltando o apoio dele a luta.”A Carmem Silva Ferreira, Preta Ferreira, e todo povo acolhedor da Frente de Luta

por Moradia. Não estou morto, estou com vocês” (FUKS, 2019) o escritor relembra uma passagem da narrativa onde Carmem discursa para os manifestantes que eles deveriam lutar por seus direitos, e quem não o fizesse, se considerava morto. Simbolicamente, abatido pelo sistema. Nesse sentido, Fuks afirma mais uma vez que ele lutará junto a eles com o objetivo de estruturar uma sociedade que seja mais equitativa.

A análise desse aspecto na obra de Julián Fuks revela uma profunda reflexão sobre a intersecção entre literatura e sociedade. São esses momentos da narrativa que permitem uma imersão nas histórias dos imigrantes que ocupam o Hotel Cambridge, evidenciando as vozes marginalizadas e as lutas diárias por moradia e dignidade. Através dos relatos dos personagens, o autor consegue transmitir a carga emocional e as experiências de exílio, resistência e busca por pertencimento enfrentadas ali.

A presença de personagens como Najati, Rosa, Demetrio e Ginia, entre outros, ressalta a diversidade de vivências e trajetórias dos imigrantes, revelando as complexidades e injustiças estruturais que permeiam a realidade social representada como ficção. Sebastián, ao se envolver com as histórias dos moradores do hotel, confronta sua participação como observador e escritor, questionando sua própria presença e o impacto de suas narrativas na representação daqueles que vivenciam a realidade de exclusão e desigualdade.

Além disso, a inserção dos movimentos sociais por moradia, como a Frente de Luta por Moradia, propicia uma reflexão sobre a resistência coletiva e a importância da organização e mobilização popular na busca por direitos fundamentais. A narrativa de Fuks evidencia a urgência e a necessidade de dar voz às comunidades que são silenciadas, bem como de promover uma literatura engajada que dialogue com as questões sociais contemporâneas

Dessa forma, *A ocupação* (2019) apresenta-se como uma obra que não apenas revela as injustiças e desafios enfrentados pelos imigrantes e movimentos sociais, mas também convida o leitor a refletir sobre o papel da literatura na denúncia e na transformação da realidade social. A aproximação entre a literatura e a sociedade, por meio da representação fiel e sensível das experiências dos personagens, ressalta a importância do engajamento e da solidariedade na construção de um mundo mais justo e igualitário.

3.3 A CORRESPONDÊNCIA COM MIA COUTO

Julian Fuks, em "A Ocupação", expande a sua narrativa para além das fronteiras tradicionais do romance, integrando duas cartas de correspondência com o escritor moçambicano Mia Couto. Essa escolha estilística serve não apenas como um diálogo literário,

mas também como uma reflexão profunda sobre o papel da literatura em tempos de crise. O intercâmbio epistolar entre Fuks e Couto proporciona uma camada adicional ao romance, oferecendo uma segunda perspectiva de análise, que se ajusta a uma forte característica do gênero auto-ficção, e enriquece a narrativa e próprio processo de escrita.

Eu lhe contei do livro que começava a escrever, da minha vontade de me expandir, de ir além dos meus dramas mezinhas. De ir além também dos seres queridos que me cercam, de me debruçar sobre os outros e contemplar seus abismos — foi você quem escreveu algo assim? Os olhos dos outros, era esse o meu primeiro título, presunçoso, agora entendo, por supor que eu chegaria a vê-los, chegaria a contemplar os outros, a encará-los de frente. (...) Disse que eu devia tentar, devia procurar nos olhos dos outros algo além do meu reflexo, devia mergulhar nos olhos dos outros a ponto de me perder. Eis o que tenho, isto que agora lhe envio, esta centena de páginas em magros capítulos. Acho que não consegui me perder, que em cada palavra que atribuí aos outros encontrei uma palavra minha, em cada casa alheia vasculhei a minha, em cada rosto reconheci o meu rosto, por vício, por teimosia. (FUKS, 2019, p. 106-107)

Julián descreve o processo de idealização do livro aqui analisado, esse que teria um outro título “Os olhos dos outros” (FUKS, 2019). Fuks tenta sair da zona de conforto que ele estabelece ao narrar os movimentos familiares e seus abismos particulares. Essa tentativa se dá pela narração dos personagens imigrantes e de suas vivências no hotel ocupado. Embora o autor consiga expressar os sentidos da dor dessas pessoas, não pode deixar de perceber que ele também estava se colocando ali com suas reformas gramaticais e reformulações de como seriam contadas.

A correspondência serve como uma espécie de metanarrativa, onde ambos os autores discutem as responsabilidades e os desafios enfrentados por escritores em tempos de turbulência. “A literatura, era essa a quimera, poderia restituir algo na humanidade que perdemos (...)” (FUKS, 2019) Isso confere à obra uma dimensão reflexiva, onde o próprio ato de escrever se torna também uma base de análise relevante.

Julián Fuks e Mia Couto são autores com estilos distintos, mas que compartilham uma sensibilidade aguçada para as nuances da linguagem e da condição humana. Fuks, com sua prosa contida e precisa, contrasta com a escrita mais poética e metafórica de Couto. “A literatura deve afirmar a sua própria soberania e inventar aves que, por sua vez, inventam um outro céu” (FUKS, 2019) Esse contraste enriquece a leitura, permitindo-nos apreciar a diversidade de abordagens literárias enquanto observamos como esses estilos distintos podem convergir em um diálogo frutífero.

Fuks utiliza as cartas para explorar questões sobre identidade, memória e deslocamento, temas que também são caros a Couto. A troca de ideias entre os dois autores revela uma

profunda preocupação com a forma como a literatura pode captar e transmitir as complexidades das experiências humanas. A carta de Couto, traz um tom de sabedoria e contemplação, que complementa a abordagem mais direta e analítica de Fuks.

Vale ressaltar ainda, que a integração das cartas entre Fuks e Couto impacta diretamente a estrutura de obra. Elas não apenas interrompem a narrativa principal, mas também possibilitam uma outra atmosfera narrativa, oferecendo momentos de pausa e reflexão. Essas interrupções são estratégicas, permitindo-nos uma compreensão mais profunda das motivações do autor e das realidades retratadas no livro. Ao mesmo tempo em que se compreende o quão preocupado o autor Julián é ao produzir literatura. “Você conhece a solidão do autor diante do próprio livro.” (FUKS, 2019) Esse diálogo é a síntese dos bastidores da criação de uma obra.

A correspondência entre Julian Fuks e Mia Couto em *A Ocupação (2019)* representa as questões que são vivenciadas pelos escritores, condição comum a eles. Através dessa troca epistolar, Fuks e Couto relatam suas preocupações e como a literatura produzida por esses vai ser definitiva nesses tempos de inquietude. Em suma, "A Ocupação" é uma obra que desafia e engaja, tanto pelo seu conteúdo quanto pela sua forma, e a correspondência com Mia Couto é um componente essencial para a plena apreciação dessa narrativa multifacetada.

4 CONCLUSÃO

Em suma, a figuração social é um conceito que pode se mostrar significativo no que diz respeito às relações interdependentes entre as pessoas na sociedade. A obra de Julián Fuks, particularmente o romance *A Ocupação (2019)*, utiliza a ficção como veículo para aprofundar questões sociais importantes, como as lutas pela habitação e as disparidades econômicas — tudo isto ao mesmo tempo que entrelaça elementos da sua própria vida na mistura narrativa. Fuks dança em torno dessas questões complicadas com graça poética; ele nos apresenta não apenas uma narrativa, mas uma introspecção crítica sobre as realidades socioemocionais de seus personagens.

Através da sua escrita, ele emerge como um artista capaz de evocar empatia nos leitores para com os dilemas do mundo real abordados nas suas obras — promovendo assim a compreensão (bem como suscitando mais debate) sobre as preocupações sociais contemporâneas. Nesta obra podemos ainda, apreciar o lugar onde a literatura e a sociedade se encontram. Ao contar histórias de imigrantes, aprendemos como a literatura pode fazer mais do que entreter, mas representar os membros sem voz da sociedade — bem como ajudar na reflexão sobre questões sociais que conduzem à solidariedade e ao envolvimento.

A obra sublinha a necessidade do alargamento das esferas em torno da representação na literatura, com um apelo ao reconhecimento visível das comunidades silenciadas e do seu desafio coletivo. Funciona como uma ilustração de como a literatura — com a sua potência em denunciar erros, incluindo aqueles que sufocam a justiça... também é capaz de servir de inspiração para a metamorfose social.

Em conclusão, o estudo da figuração da crise social no romance brasileiro, especificamente na obra de Julián Fuks, oferece importantes contribuições para a sociedade e para a comunidade acadêmica. Ao analisar a forma como a habitação precária e a desigualdade social são representadas na literatura contemporânea, somos levados a refletir sobre as questões urgentes que afetam as comunidades marginalizadas no Brasil.

Além disso, ao destacar a importância da literatura como ferramenta para a representação dos indivíduos sem voz na sociedade e para a promoção da solidariedade e do engajamento social, este estudo ressalta a relevância da arte na transformação do pensamento social. Além disso, ao abordar a complexidade da desigualdade social no Brasil, esta pesquisa fomenta debates acadêmicos sobre a importância de políticas públicas que busquem mitigar esses problemas e promover a equidade social. Assim, o estudo da figuração da crise social no romance brasileiro se torna relevante tanto para a sociedade em geral quanto para a comunidade acadêmica, destacando a potencialidade da literatura como agente de transformação e conscientização social.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Thêmis Amorim, SORAGGI, Ana Carolina Maria e CORRÊA, Felipe Souza. **Ocupações urbanas como repertório confrontacional dos movimentos de luta por moradia**. São Paulo: Revista scielo, 2021.

ARANTES, O.; MARICATO, E. E VAINER, C. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

DAEHN, Ricardo. **Em seu novo livro, Julián Fuks faz paralelo entre ficção e realidade**. Correio Braziliense, 2012. Link: <
https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2012/02/07/interna_diversao_arte,289118/em-seu-novo-livro-julian-fuks-faz-paralelo-entre-ficcao-e-realidade.shtml> Acesso em: 24 de maio de 2024

FUKS, Julián. **A ocupação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **Procura do Romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **A Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras 2015.

GONSALVES, Elisa Pereira. **O conceito e configuração social em Norbert Elias - espaço social de ambivalência?**. São Paulo, Perspectiva, 2001.

MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MEDEIROS, Marcelo. **Os ricos e os pobres: o Brasil e a desigualdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

MOTTA, SV., and BUSATO, S., orgs. **Figurações contemporâneas do espaço na literatura**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Link: <[motta-9788579830990.pdf \(scielo.org\)](https://www.scielo.org/pdf/motta-9788579830990.pdf)>, acesso em: 06 de junho de 2024.

RUFFATO, Luís. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TELLIER, Cristine. **A resistência Julián Fuks**. Resenha publicada originalmente no Vórtex Cultural, em 01/08/2016. Link: <<http://www.cafeinaliteraria.com.br/2016/08/08/resistencia-de-julian-fuks/>>, acesso em: 25 de maio de 2024.

WISNIK, Guilherme. **Dentro do Nevoeiro**. São Paulo: Ubu editora, 2018.